



*MEMÓRIA ORAL DO FUTEBOL DE SALÃO EM BELO HORIZONTE-MG E A  
INFLUÊNCIA DA ACM URUGUAIA NO ESPORTE*

Joelcio Fernandes Pinto

## RESUMO

*O presente texto tem o objetivo de apresentar dados da pesquisa “Eu vou te contar uma história... Memórias de Esportes e Ruas de Recreio (1940-1970)”, que investiga a memória oral do Futebol de Salão, da Peteca e das Ruas de Recreio em Belo Horizonte. Neste ensaio apresentamos os dados específicos da memória oral do futebol de salão e os caminhos trilhados pela pesquisa durante o último ano.*

## INTRODUÇÃO

A pesquisa, intitulada “*Eu vou te contar uma história... Memórias de Esportes e Ruas de Recreio (1940-1970)*”, é parte integrante das ações em curso no Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEF), sediado na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (EEFFTO/UFMG).

A existência do CEMEF se justifica, institucionalmente, pelas ações de guarda e preservação de acervos documentais relativos à história das práticas corporais de movimento e, academicamente, pelo fato de se constituir como um centro de pesquisa e produção de conhecimento historiográfico. O Centro de Memória possui, hoje, uma diversidade de atividades – projetos de pesquisa em andamento, reuniões sistemáticas de formação, um seminário bianual e uma política de ordenamento das coleções que compõem o acervo.

Nesta pesquisa, que aqui apresentamos, pretendemos ampliar e qualificar as ações de recuperação da memória relativa aos esportes e às ruas de recreio em Minas Gerais, produzindo novas fontes. Muitos sujeitos que viveram e construíram essas histórias possuem uma variedade de recursos documentais sobre as mesmas, como (fotografias, filmes, documentos tridimensionais, textos etc.) e guardam consigo uma infinidade de *documentos de memória* (Le Goff, 1997), informações, detalhes, nomes e episódios. Essas reminiscências de professores/as, de alunos/as, de atletas, de organizadores e também de pessoas comuns, merecem ser recordadas, contadas e registradas. São temas e sujeitos que aguardam silenciosamente um lugar de expressão para seus depoimentos, seus testemunhos.

A pesquisa é uma ação interdisciplinar na qual a história oral, por meio da “escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências” (Thompson, 2002), constitui-se como experiência investigativa capaz de trazer à Universidade tanto os sujeitos interessados em produzir essas memórias como aqueles que dela poderão usufruir para qualificar sua ação pedagógica e investigativa no tempo presente. Tal perspectiva corrobora a idéia de que a história oral

...pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história – em livros, museus, rádio e cinema – pode devolver as pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras (Thompson, 1992)



Nessa perspectiva, inauguramos no Centro de Memória novas possibilidades para a pesquisa histórica e para a produção de fontes, pois o trabalho com a história oral envolve a construção coletiva de novas competências para o grupo de trabalho – tanto do ponto de vista metodológico, com um exercício de apropriação das balizas teórico-conceituais que orientam essa abordagem, quanto do ponto de vista arquivístico, o que implica a realização de novas *maneiras de fazer* (Certeau, 1998) para a produção, o registro e socialização de fontes orais.

Como nas demais ações em curso no CEMEF, uma referência norteadora neste projeto é a convicção de que preservar a memória e escutar o passado são formas de refletir o presente, buscando compreendê-lo nas tensões e contradições que o constituíram. Como afirma Walter Benjamin (1994a, p. ), é necessário “escovar a história a contrapelo”, de modo a fazer falar vozes adormecidas ou silenciadas pelo tempo, permitindo assim que novas versões do passado venham apresentar as suas justificativas. Não por serem soberanas dos processos históricos, mas porque não devemos tratar a história sem conhecer e re-conhecer os seus protagonistas, como nos lembra Jacques Revel (apud Guimarães, 2002).

### **ORGANIZAÇÃO E OBJETIVOS DA PESQUISA**

Para a realização desta pesquisa foram estabelecidos dois eixos temáticos específicos, escolhidos dentro de uma variedade de assuntos, fomentada pelo próprio processo de ordenamento do acervo hoje em curso no CEMEF. Várias fontes já identificadas, descritas e ordenadas nos convidaram a novos movimentos de pesquisa. Documentos que nos remeteram aos sujeitos, aos fatos e também às lacunas que acenam e ajudam a trilhar novas possibilidades de investigação.

O primeiro eixo aborda a temática do ESPORTE e, de modo mais específico, a memória oral da Peteca e do Futebol de Salão (posteriormente denominado Futsal) em Belo Horizonte, com foco dirigido aos praticantes e aos organizadores dessas modalidades entre as décadas de 1950 e 1970. O segundo eixo temático aborda as RUAS DE RECREIO difundidas pelas cidades mineiras como atividades de cunho recreacionista e de organização dos divertimentos populares (1950/1970). Nesse eixo temático, interessa-nos ampliar os debates sobre os projetos de educação do corpo veiculados nessas ações bem como a relação estabelecida com as ruas, os bairros, as praças de esportes e os moradores da periferia de Belo Horizonte e de outras pequenas cidades mineiras.

O propósito central da pesquisa tem sido o de identificar os vários sujeitos dessas experiências culturais, trazendo-os para as atividades de produção da memória que incluem testemunhos individuais e de pequenos grupos. Para isso, são preparados encontros, sendo que a organização dos mesmos pauta-se em pesquisas prévias de fontes que auxiliam na construção de roteiros para os diálogos. Todas as sessões realizadas foram gravadas de modo digital, consolidando-se assim os registros de memória e, ao mesmo tempo, a produção de fontes para futuras investigações.

### **METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS**

A pesquisa utilizou como metodologia central de investigação a história oral. Para tanto, foram eleitos alguns textos considerados importantes para esse primeiro contato e dedicadas várias reuniões exclusivas para discuti-los. Além disso, foi ministrado um curso sobre História Oral, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Eliza Linhares Borges, integrante do corpo docente do Departamento de História da FAFICH/UFMG..

O método de “história oral” vem sendo aperfeiçoado e discutido internacionalmente. Paul Thompson se apresenta como um dos expoentes conhecedores do assunto, atualmente é professor



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte  
*Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular*  
Niterói – RJ  
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

de história oral na Universidade de Essex. Fundou e dirige o Arquivo Nacional de História de Vida da Biblioteca Britânica e é consultor da BBC, em Londres. No final dos anos 70, começou a se envolver num movimento bem amplo de resgate da história oral. Fundou e dirigiu a Oral History Society e o Oral History Journal. Escreveu cerca de 20 livros sobre o assunto - entre eles *As Vozes do Passado*, traduzido para mais de 20 idiomas. Nessa obra o autor aponta a “história oral como uma interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências”. Para ele este método se constitui interdisciplinar, “um caminho cruzado entre sociólogos, antropólogos, historiadores, estudantes de literatura e cultura”. Como enfatiza Paul Thompson (1992) os depoimentos orais constituem importantes estratégias metodológicas para o historiador, pois, contribui na construção de sua narrativa, mesmo conhecendo algumas das limitações dessa metodologia. Como por exemplo, a de que tais depoimentos tratam daquilo que os professores/as e alunos/as disseram o que faziam e não do que efetivamente realizavam. Para dar conta deste aspecto lacunar de tal metodologia pretende-se promover um cruzamento de fontes.

Atentos a esta produção teórica a pesquisa foi organizada segundo orientações e cuidados pertinentes ao uso do método de história oral. Assim, discutimos e elegemos cinco aspectos essenciais para um bom trabalho de pesquisa. São eles: a colônia de entrevistados, as questões-chaves, as entrevistas, o trato das mesmas e a guarda de todo material adquirido com a pesquisa. Passamos agora a uma descrição sumária de cada aspecto ora citado.

Foi pensada uma **colônia de entrevistados** formada por dez pessoas, sendo cinco jogadores, dois dirigentes, um técnico, um jornalista e um árbitro. A idéia de constituir uma colônia com tais características foi a de tentar construir fontes orais que permitisse perceber os mais diferentes olhares sobre tal prática nas décadas de 40 e 50 em Belo Horizonte. Infelizmente, até o momento da escrita deste texto, não foram encontrados todas as pessoas que exerceram estes cargos. Temos então, entrevistas com um dirigente, três jogadores e um técnico. **As questões** realizadas nas entrevistas perseguiram os seguintes assuntos: como foi o primeiro contato com o futebol de salão, em que ano aconteceu, onde jogavam, como se locomovia até os jogos, quem e como organizavam os jogos, como eram os jogos, quais eram as regras, qual o significado de jogar futebol de salão naquela época, o que mais jogavam, quem foram os principais jogadores, árbitros, técnicos e dirigentes do esporte, quais foram as maiores alegrias e as piores tristezas do processo vivido, quando pararam de jogar, porque pararam, dentre outras que julgamos necessárias no momento da entrevista. Durante as entrevistas tentamos identificar também outros tipos de fontes, indagando aos entrevistados se eles/as guardaram algum tipo de registro do que fizeram, tais como, imagem, planejamento, recortes de jornais, etc. Em relação **às entrevistas**, todas foram gravadas e algumas filmadas. Não foi possível realizar a filmagem de todas, pois, o local de realização foi escolhido pelos entrevistados, o que muitas vezes inviabilizou tal processo. Assim, tentou-se adequar o espaço escolhido às condições de uma boa filmagem (luz, som e tranquilidade). A escolha do local deve levar em consideração um ambiente que permita ao entrevistado rememorar os acontecimentos de interesse da pesquisa. Assim, a residência particular e/ou o ambiente onde são guardados os pertences particulares foram os locais de preferência. O local foi preparado tendo em vista uma confortável posição para o entrevistado e o entrevistador, bem como, para outros participantes do processo. Antes da realização das entrevistas os entrevistados foram previamente comunicados, em formulário próprio (anexos 1), sobre os propósitos da mesma e sobre a autorização de divulgação dos dados por eles/as revelados (anexos 2). As entrevistas foram organizadas buscando equilibrar momentos de testemunhos livres onde o entrevistado/a tinha muita liberdade de expressão, com momentos de questões objetivas a respeito de assunto em pauta. **O trato das entrevistas:** todas as entrevistas foram transcritas por pessoas que participaram das mesmas. Em virtude do grande número de entrevistas elas serão revisadas em duplas, ou seja, uma outra pessoa que não participou do processo vai ler e ouvir as entrevistas junto com quem as



transcreveu. Tal procedimento visa identificar algum vício de transcrição que por vezes acontece em casos de longas e variadas transcrições. **A guarda do material construído:** todo material produzido e encontrado em virtude das entrevistas realizadas pela pesquisa será guardado no Centro de Memória da Educação Física e do Esporte (CEMEF) da escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da UFMG. Tal centro de memória foi constituído, dentre outros objetivos, o de guardar objetos históricos sobre a temática em questão.

### **O Futebol de Salão**

No *Futebol de Salão* os primeiros caminhos apontaram para um paradoxo interessante que envolve todo o levantamento de dados sobre a História e a prática dessa modalidade esportiva em Belo Horizonte e, provavelmente, em qualquer lugar que se vá realizar essa pesquisa no Brasil. As informações são encontradas de maneira informal, por meio de dados fornecidos por algumas pessoas (muitas delas envolvidas ou não com a academia ou com o esporte) que sabiam de alguma informação, por algum motivo: por viverem em Belo Horizonte por muito tempo, por terem parentes praticantes do esporte, por frequentarem clubes sociais ou por demasiado outros motivos. As informações *oficiais*, escritas, impressas e a presença do tema em arquivos, jornais e outras fontes são escassas.

O questionamento do por que desse fenômeno fornece pistas importantes para quem pesquisa a história do futebol de salão e indica caminhos de investigação para a pesquisa em questão. O paradoxo proposto em relação ao aparecimento de informações só acontece por conta da existência de outro paradoxo: o futebol de salão é considerado o esporte mais praticado em todo o Brasil, levando em conta a prática amadora e escolar, entretanto tem um apelo popular e midiático ínfimo, comparado ao futebol, ou a outros esportes de quadra como o Voleibol ou o Basquetebol.

O fato cria uma situação onde a maioria das pessoas já praticou o esporte na escola ou conhece alguém que praticou na qualidade de atleta<sup>1</sup>. Isso explica, portanto, a quantidade e, principalmente a diversidade das informações encontradas. Essa heterogeneidade nos mostra uma característica do futebol de salão que deve ser colocada em questão durante as entrevistas da pesquisa: não existe uma História do esporte em Belo Horizonte, existem várias, sob diferentes aspectos, com diferentes personagens. Um praticante, árbitro, diretor pode ser a personagem principal se abordarmos um nicho específico do salonismo belorizontino, entretanto, em outro, ele pode não passar de mero figurante e, em um contexto geral é um personagem dentro da multiplicidade que gerou o esporte.

Por outro lado, o não apelo midiático e popular do esporte dificulta a pesquisa histórica mais tradicional. As entrevistas começaram com os pesquisadores munidos de informações, mas não necessariamente munidos de dados, pois pouco se arquivou sobre o assunto na capital mineira. Esse ponto ficou claro na pesquisa realizada na Hemeroteca, já que, do material esportivo pesquisado (Revista “Sport Ilustrado”), mais de 80% das reportagens trata do futebol de campo, em diferentes abordagens. O futebol de salão fica ainda mais excluído desse tipo de fonte por ser uma diferente modalidade do futebol, esporte de maior interesse da população mineira e brasileira.

Tais fatos influenciaram os caminhos de investigação da pesquisa e principalmente o a condução da entrevistas. Como já citado foram definidos alguns grupos sociais para serem entrevistados dentro do Futebol de Salão. Entre jogadores, dirigentes e admiradores do esporte,

---

<sup>1</sup> A Lei Pelé reconhece três manifestações do esporte brasileiro. O Esporte de Participação, aquele praticado nos momentos de Lazer, o Esporte Escolar praticado com a intenção de formação humana com o objetivo de conhecer todas as dimensões do esporte e o Esporte Profissional com intuito de obtenção de resultados e constituição de atletas brasileiros.



procurou-se diversificar ao máximo os entrevistados, seja pela ocupação, pela localização geográfica em Belo Horizonte, ou pela condição social. Essa diversificação é importante devido a constatação, ainda nos caminhos iniciais, de que seria impossível traçar uma trajetória certa, com começo, meio e fim do futebol de salão. Isso se deve a vários aspectos: o rápido e desordenado crescimento que o esporte teve em seus primeiros toques. Rápido pela simples popularidade que o esporte teve com seus praticantes. É perceptível nas entrevistas o quanto o esporte foi popular entre os praticantes logo que surgiu. Não existiu, como na história do Futebol, uma resistência à prática, por alguma classe social, ou por qualquer outro motivo. Essa fácil aceitação se deve, principalmente, a já popularidade vigente do Futebol que surgiu no início do século. O Futebol brigou por aceitação por mais de meio século e já era o esporte mais popular de Belo Horizonte na década de 50, quando surgiu, por diversos motivos, o Salão. Pode se dizer que o Futebol de campo fez o papel de irmão mais velho, abrindo caminhos fáceis para o caçula Salão. Quando se fala em crescimento desordenado, não se pode pressupor que pretendia-se, ou que seria positivo, um crescimento ordenado. A desordem só ocorreu, porque era a única possibilidade. Sem querer discutir os porquês antropológicos e sociológicos de ser quase natural a vontade do brasileiro de juntar e chutar uma bola, independente da habilidade ou de qualquer outro aspecto, fato é que essa característica cultural fez com que o Futebol de Salão se expandisse rapidamente por todos os lugares, todas as classes, e de maneiras completamente diferentes por Belo Horizonte.

Esse cenário não permitiu uma pesquisa completa sobre o assunto. Cabe então procurar, por meio das entrevistas, preservar o máximo da memória sobre o assunto dentro do prazo estabelecido pela pesquisa. A noção de que devemos descobrir trajetórias comuns é duvidosa, entretanto, um dos desafios é encontrar, dentro dos vários caminhos que o Futebol de Salão naturalmente tomou, interseções. Caso não apareçam, o projeto se dá por satisfeito de encontrar e registrar diferentes histórias.

Foram entrevistados Joventino Pinho Tavares, diretor técnico da Federação Mineira de Futebol de Salão, que trabalha na instituição por mais de três décadas, e deu um panorama organizacional do Futebol de Salão; Félix Moutinho, engenheiro, e jogador de destaque do Futebol de Salão belorizontino nos anos 50 e 60, jogou pela seleção mineira e pelo Arsenal; Emerson Nunes, jogador de Futebol de campo nos anos 40 e técnico renomado de Futebol de Salão no Olímpico; Hélcio Nunan, jogador de Futebol de salão e de Vôlei nas décadas de 40 e 50 e atualmente coordenador técnico da CBV (categorias amadoras); e uma entrevista coletiva com Mauro Reis, Fuad e Miguel Auad, todos participantes do Arsenal Clube nos anos 50 e 60, sendo os dois primeiros jogadores e o último dirigente. Tais entrevistas trazem informações interessantes que podem constituir caminhos de investigações diferenciados para outros pesquisadores. A guarda dos testemunhos têm esse objetivo, construir fontes de pesquisa que permitam o desenvolvimento de diferentes investigações sobre o mesmo tema. A seguir apontamos alguns dados provenientes de tais entrevistas, com destaque para a influência da ACM uruguaia na disseminação de tal esporte.

### **APONTAMENTOS POSSÍVEIS**

A versão do aparecimento do Futebol de salão em decorrência do desaparecimento dos campos de Futebol de campo, devido ao processo de urbanização da cidade de Belo Horizonte nas décadas de 30 e 40, é confirmada por quase todos os entrevistados. Eles relatam que jogavam futebol de campo e quando foram questionados sobre o motivo da troca, eles falam os nomes dos campos de futebol amador onde jogavam, mas que foram desaparecendo para dar lugar a conjuntos populares, comércio local, dentre outros. O conjunto populacional JK, construído bem próximo à praça Raul Soares foi o caso mais emblemático. Segundo Mauro Reis existiu naquele espaço um campo de Futebol onde ele jogava quando era “moleque” (idade). Essa informação constitui um





interessante dado para quem estuda o processo de urbanização das cidades e suas conseqüências para as práticas corporais.

Um outro dado interessante que se percebe é de que as histórias do Futebol de salão em BH se confundem em alguns momentos com as histórias dos clubes sociais belorizontinos, os quais, nesse momento histórico, passaram por um processo de disseminação muito interessante. Ao compararmos as datas de inauguração de vários clubes importantes da cidade, tais como, Olímpico, Makienze, Palmeiras, dentre outros percebe-se o quão contemporâneos eles são, ou seja, eles foram criados mais ou menos na mesma época em que o Futebol de salão começa a dar seus primeiros passos, como uma boa alternativa de tal prática esportiva. Acreditamos que é interessante investigar em que medida as inaugurações de tais clubes impactaram e colaboraram para a disseminação do Futebol de salão em BH, com a construção de quadras próprias para o jogo e organização de campeonatos entre tais clubes e em contrapartida questionar também a contribuição do Futebol de salão para alavancar essa idéia de organização de grupos sociais, tendo como conseqüência a construção dos clubes sociais. Corroborar para a importância desse caminho de investigação um outro dado que identificamos nas entrevistas que é o fato dos entrevistados pouco citarem a escola como um espaço de prática desse esporte. Ou seja, ao serem indagados sobre os primeiros contatos com o Futebol de salão, a maioria relata que jogavam em garages de ônibus, em salão de festas ou de dança, em quadras de aluguel, nas quadras dos clubes e a escola aparece em apenas um testemunho. Para quem se interessa por contar a história de Belo Horizonte via os seus clubes sociais, acreditamos ser bastante pertinentes os dados ora descritos.

Interessante registrar também como as pessoas se organizaram individualmente para a prática desse esporte. Muitos relatam que se dirigiam para os jogos (de lazer ou de campeonato) a pé e também de ônibus o que lhes permitiram conhecer melhor a cidade e/ou o bairro onde moravam<sup>2</sup>. Eram comuns os encontros nos bares da cidade após os jogos. Nesses encontros eles continuavam a jogar, porém, por meio dos diálogos. Segundo os entrevistados, os uniformes eram comprados pelos próprios jogadores, que levavam para casa para lavar. Algumas vezes uma pessoa ficava responsável por tal tarefa. Em apenas uma entrevista o clube lavava e cuidava dos uniformes. Questionados a respeito dos treinos para os jogos dos campeonatos eles falam que os treinos eram os próprios jogos do campeonato, que eram muito freqüentes. Jogava-se pelo menos três vezes por semana. A “pelada”<sup>3</sup> também apareceu como momento de treinamento. Muitos relataram que “batiam pelada” todos os dias da semana.

Uma questão que nos chamou a atenção foi o significado de jogar Futebol de salão nesta época. A distinção social foi o fato mais marcante, ou seja, ser jogador de Futebol de salão para tais pessoas significou certo status social, pois, segundo eles os campeonatos eram acompanhados por um grande número de pessoas que prestigiavam comparecendo em massa nos jogos. Em um relato o ex-jogador fala do alívio de seus pais quando ele trocou o Futebol de campo pelo de salão, pois, seus pais consideravam o meio social do Futebol de campo muito ruim. Em todos os relatos aparece o reconhecimento de que o Futebol de salão serviu para a construção de fortes vínculos de amizade e de valores sociais. Foi marcante a fala de um dirigente esportivo que foi graças ao Futebol de salão que ele tem os amigos que tem hoje em dia. “*O Futebol de salão foi a minha vida*”. Após pronunciar tal frase Auad relata que devido ao seu defeito físico em uma das pernas ele era um jovem muito introvertido. Ele tinha três irmãos, todos saíam para as festas, tinham suas namoradas e que ele ficava em casa em virtude da vergonha de seu problema. Mas graças a um

<sup>2</sup> Os entrevistados moravam em sua maioria na região da Savassi, Barro Preto, Santo Antônio e Serra. Durante as entrevistas o bairro mais distante citado foi o Caiçara, onde existia um clube chamado Orion.

<sup>3</sup> Nome dado aos jogos de lazer, onde os garotos se reuniam para jogar entre eles mesmos apenas para se divertir.



conhecido que o incentivou, ou melhor, lhe entregou a tarefa de organizar um time de Futebol de salão, batizado por ele de Arsenal, que ele passou a ter amigos e a se relacionar com as pessoas de igual para igual. Percebe-se durante tal relato a emoção tomar conta de sua fala. Antes que se construa a idéia de que o esporte serve de construção de valores sociais, esses apontamentos podem contribuir para uma investigação que vise problematizar tal temática.

### **A influência uruguaia e a participação da ACM**

Os caminhos de uma pesquisa que investigou, por meio da História Oral, a trajetória inicial do Futebol de Salão na cidade de Belo Horizonte, levaram a constatação de que a atuação da ACM - Associação Cristã de Moços - de Montevidéu foi marcante para a instalação e consolidação do esporte na capital mineira. A documentação encontrada aponta para 1956 e para a realização de cursos de formação, promovidos pela ACM, para interessados pelo "indoor-football". Tais cursos eram ministrados em Belo Horizonte, por Juan Ceriani, membro da instituição e postulante a "inventor do esporte". A partir dessas fontes pretende-se entender o papel da ACM, instituição de origem inglesa e americana, de ideais expansionistas em relação à cultura esportiva, em um país tradicionalmente receptor de influências culturais, o Uruguai. Este, por sua vez, irá inserir e expandir uma nova prática corporal, o futebol de salão, em outro país igualmente periférico, o Brasil.

Foi interessante perceber que ao mesmo tempo em que todos os entrevistados relatam a ACM como responsável pela criação e divulgação do Futebol de salão em Belo Horizonte e que tal instituição era de algum país sul-americano, eles também revelam não saber que país foi este. Alguns se arriscam relatando que era a ACM da Colômbia, da Argentina, mas ninguém cita o Uruguai. Eles confirmam que era de outro país, pois chegaram a ler o livro de regras em espanhol. Em algumas entrevistas aparece inclusive o nome de Juan Carlos Ceriani, mas erram na sua nacionalidade. As alegações de que foi a ACM quem trouxe e disseminou tal modalidade esportiva são fundamentas nos torneios esportivos organizados por tal instituição. Nos relatos todos afirmam ter participado de campeonatos da ACM, que na época tinha duas sedes em Belo Horizonte, uma na Serra e a outra no Bairro São Lucas. Esses relatos se não evidenciam a responsabilidade única da ACM na divulgação e disseminação do Futebol de salão em Belo Horizonte, demonstra que tal instituição teve uma participação muito importante nesse processo. Tal participação motivou inclusive a própria ACM a pesquisar internamente os dados necessários para comprovar o feito. A partir de uma visita à ACM de Belo Horizonte foi possível perceber um movimento interno que mobilizou funcionários que pudessem comprovar o verdadeiro papel da ACM de Montevidéu no processo de criação e disseminação do Futebol de salão no Brasil, fato esse não reconhecido por dirigentes do esporte no Brasil.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa, agora em sua segunda fase, pretende contribuir na sustentação da memória relativa ao Futebol de salão, em Belo Horizonte e outras cidades. Os depoimentos já concedidos e os previstos nos permitem afirmar a relevância da pesquisa na medida em que a mesma confere voz e visibilidade a sujeitos, muitos silenciados em suas experiências. Ressalta-se que o processo de entrevistas tem estimulado os depoentes a disponibilizarem outros tipos de fontes tais como fotografias, documentos oficiais e objetos afeitos às suas vivências.

Para continuar a contar essas histórias, ainda é preciso ir ao encontro de vários outros sujeitos. A cada entrevista a lista de nomeações se expande por indicações dos depoentes. Portanto, foi elaborada uma planilha onde constam informações e indícios tais como nomes, locais, datas, referências documentais, etc.



O trabalho com a história oral envolve a construção coletiva de novas competências para o grupo de trabalho do CEMEF. No que diz respeito ao acervo do Centro, pretendemos constituir a Coleção Memória Oral que, com testemunhos registrados em áudio e vídeo, indicam novos formatos de fontes e documentos para a história e a memória. São novos desafios e, ao mesmo tempo, construção de novas possibilidades para a pesquisa histórica sobre o Esporte e Ruas de Recreio. Reconhecer e legitimar a oralidade como documento de memória constitui estratégia fundamental para a realização de uma história contemporânea desse amplo e complexo fenômeno social.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: \_\_\_\_\_. *Obras escolhidas*. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994a. v 1, p. 222-232.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs). *Usos e Abusos da História Oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2002.

LOYOLA, Holanda. *Pequenos Esportes*. São Paulo: Cia. Brasil Editora, s/data.

MARCASSA, Luciana. Recreação. In: GOMES, Christianne Luce (Org). *Dicionário Crítico do Lazer*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004. p.196-202.

MUNHOZ, Virna Carolina Carvalho. Rua de lazer. In: GOMES, Christianne Luce (Org). *Dicionário Crítico do Lazer*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004. p.203-206.

PADILHA, Valquíria. Tempo livre. In: GOMES, Christianne Luce (Org). *Dicionário Crítico do Lazer*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004. p.218-221.

PEREIRA Jr., Cícero Cerqueira. *Peteca: Esporte ou Recreação?* 2 ed. Brasília: INDESP, 1996.

RODRIGUES, Marilita A. Arantes. Trilhas históricas da Peteca mineira: brinquedo, jogo ou esporte? In: WERNECK, Christianne L. G. (et. al.) *Coletânea do IX ENAREL - Encontro Nacional de Recreação e Lazer*. Belo Horizonte: UFMG/EEF/CELAR, 1997.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado – história oral*. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. História oral e contemporaneidade. *História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral*. São Paulo, n. 05, junho de 2002.

VOLDMAN, Danièle. A Invenção do Depoimento Oral. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. 5 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2002.

WERNECK, Christianne Luce Gomes. *O lazer no contexto ocidental: Pressupostos teóricos. Significados de recreação e lazer no Brasil: Reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964)*. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2003. p. 26-75.





III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte  
*Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular*  
Niterói – RJ  
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141